

## LARES DESPEDAÇADOS: CORTES E SILÊNCIOS NAS RELAÇÕES FAMILIARES EM *K. E O IRMÃO ALEMÃO*

Luciano da Motta Pereira  
Orientadora: Cláudia Neiva de Matos  
Doutorando

### RESUMO

Propomos com este trabalho comparar *K. – Relato de uma busca* (2014), de Bernardo Kucinski, e *O irmão alemão* (2014), de Chico Buarque, considerando como são retratadas as relações familiares no romance brasileiro contemporâneo. À medida que a Modernidade se radicaliza nas últimas décadas, notamos um crescimento do desamparo em nossa cultura – memórias sofridas, trajetórias sem um suporte mínimo para a vida, conflitos afetivos que se perpetuam pelas gerações, solidão, desesperança e angústia – cada vez mais atrelada a lares desgastados e decadentes, moldando indivíduos, famílias e sociedades. A leitura e a análise desses romances nos levam a ambientes familiares instáveis, onde somos expostos a tipos que compõem o grande mosaico social do qual fazemos parte. Analisar, portanto, essa temática na prosa contemporânea significa investigar questões que constituem a precariedade e a incompletude de nossa própria existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance, Contemporaneidade, Desamparo, Solidão, Família.

Propomos com este trabalho analisar como são retratadas as relações familiares no romance brasileiro contemporâneo, especialmente o desgaste da figura paterna e seus impactos na vida afetiva individual e em sociedade, comparando *K. – Relato de uma busca* (2014), do escritor e cientista político Bernardo Kucinski, e *O irmão alemão* (2014), do compositor, cantor e ficcionista Chico Buarque. Além do desafio de se pesquisar produções literárias recentes, ainda sem um distanciamento temporal apropriado para uma crítica mais conclusiva, um olhar apurado para questões tão presentes em nosso cotidiano significa investigar o que constitui nossa própria precariedade e incompletude.

À medida que a Modernidade se radicaliza nas últimas décadas, com suas crises sucessivas e utopias em derrocada, notamos um crescimento do desamparo em nossa cultura – memórias sofridas, trajetórias sem um suporte mínimo para a vida, conflitos afetivos que atravessam gerações, solidão, desesperança e angústia – cada vez mais atrelado a famílias desgastadas e decadentes. De um lugar de afetividade entre casal e filhos e de certa estabilidade e refúgio para a vida, o lar passou a ser um ambiente cada vez mais associado a conflitos e desordem, o que de certa forma é uma consequência das transformações nas relações interpessoais ao longo da história.

De modo geral, as ciências sociais demonstram que “todas as sociedades construíram alguma forma de família”, estruturada por relações de afinidade, descendência e consanguinidade (Silva, 2009, p. 136-137). Questões econômicas e de subsistência também foram determinantes na formação dos vínculos familiares. Cabe lembrar aqui os estudos de Gilberto Freyre sobre o papel da família patriarcal na formação da sociedade brasileira, um modelo no qual os elos de convivência entre livres e escravos, na casa grande, na senzala e nos engenhos, eram centralizados na figura do chefe da família. A obra de Freyre aponta o modelo patriarcal como “o grande fator colonizador do Brasil, (...) a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América” (Freyre, 2003, p. 81).

Tal configuração de família começou a desmoronar a partir do expressivo crescimento urbano iniciado durante a Primeira Revolução Industrial, entre os séculos XVIII e XIX, com a multiplicação de cômodos no interior das casas e a redução das construções – os primeiros redutos de vida privada individual dentro da vida privada familiar. Desde então, membros do lar começaram gradativamente a se isolarem uns dos outros. O pai, enquanto “centro moral” e principal ligação entre as vidas pública e

particular da família (Oliveira, 2011, p. 91), veio perdendo sua posição, especialmente com o advento do trabalho feminino no início do século XX e, mais tarde, com a Revolução Sexual, na década de 1960.

Hoje, o conceito de família mais reconhecido no Ocidente é o de “família nuclear”, composta por um pai provedor, uma mãe que cuida do lar e filhos que estudam. Porém, os tipos familiares são cada vez mais plurais, sendo um desafio para pais e filhos, educadores e psicólogos darem conta de tão diversificadas estruturas, muitas vezes de difícil tratamento e conciliação. Tem sido cada vez mais comum uma pessoa pertencer a famílias com diferentes perfis ao longo da vida, como passar a infância em uma família nuclear, depois conviver com filhos e netos sob o mesmo teto, compondo uma família extensa, ou ainda constituir uma “família matrifocal”, formada “por mãe e filhos unicamente, cujo cônjuge-pai tem presença instável ou apenas temporária” (Silva, 2009, p. 139).

Apesar de tão profundas mudanças, não se pode ignorar a influência ou o impacto que a figura paterna continua exercendo na vida de seus filhos, seja em uma família tipicamente “tradicional”, seja em uma das múltiplas composições familiares existentes no mundo contemporâneo:

O pai no início da vida dos filhos tem importância indireta. É sua presença protetora, é o amor dedicado à esposa que se refletirão, através da mulher, nos filhos. (...) A importância direta do pai começa na fase de individualização do filho. Com sua presença, começa a retirá-lo do mundo materno para o universo. O pai representa a responsabilidade: é o pai que trabalha e tem a experiência da realidade exterior, é ele que está fora de casa e assim pode transmitir o universo externo, ajudando a criança a libertar dos liames maternos (GRÜNSPUN, 1985, p. 41).

Conceitos como esses sobre a figura paterna e os diferentes tipos de família podem ser encarados como idealizados ou até ultrapassados. Entretanto, um olhar atento para a conjuntura recente somente confirma que a integridade do tecido social ainda depende da qualidade dos vínculos familiares e, em especial, da boa e velha relação pai-filho. Salvo raras exceções, os filhos, quando chegam à fase adulta, já donos de suas próprias experiências de êxitos e fracassos, e mesmo quando alcançam idades mais avançadas, reproduzem o legado de seus pais e, por consequência, de suas experiências familiares passadas. Só que em vez de estofo de primeira linha, temos visto as sociedades se tornarem uma puída e rota colcha de retalhos.

As pressões do mundo globalizado agravam ainda mais o desgaste das relações interpessoais. De acordo com Zygmunt Bauman (2011, p. 64), “este é um mundo duro,

destinado a pessoas duronas. É um Universo de indivíduos abandonados, contando apenas com as próprias habilidades, tentando ultrapassar e sobrepujar o outro”. O mercado competitivo e o consumo desenfreado fazem com que as pessoas tenham menos tempo para afetos e empatia, tanto na intimidade dos espaços residenciais quanto na vida exterior, comunitária:

Lares em muitas áreas urbanas ao redor do mundo hoje existem para proteger seus habitantes, não para integrar as pessoas em suas comunidades. [...] A separação e a manutenção da distância tornaram-se a estratégia mais comum na luta urbana pela sobrevivência (BAUMAN, 2011, p. 72).

O atual senso de perigo e disputa ergue muros quase intransponíveis entre “nós” e “eles”. Ao mesmo tempo, a carga contemporânea de ininterruptas urgências, exigências e obrigações exila os seres humanos em seus mundos particulares e instáveis, desfazendo os (poucos) laços de sociabilidade ainda atados. Resta um “individualismo de penosa solidão”, que só aumenta “o vazio das almas que as mercadorias se apressam em preencher constantemente” (Bordini, 2007, p. 52).

Nesse contexto de desamparo e “desassossego”, como define Lucia Helena (2010, p. 14), “o texto ficcional desempenha a possibilidade de ser a expressão linguística de um trauma, embora essa mesma expressão implique uma ambiguidade”. Obviamente, não existe alegria alguma em se rememorar dores, sejam elas passadas ou presentes. Mas é preciso transcender o que incomoda – e a literatura permite construir algo que ultrapassa o trauma a partir dele; torna-se uma via possível para tocar e tratar certas feridas, capaz de sensibilizar as circunstâncias do outro.

Em *K. – Relato de uma busca*, Bernardo Kucinski conduz o leitor a participar da aflitiva experiência vivida por sua família: o desaparecimento da irmã do autor, Ana Rosa Kucinski Silva, identificada no romance como A., professora de química da Universidade de São Paulo, sequestrada e morta pelo governo militar durante a ditadura. Acompanhamos a jornada desenfreada de seu pai, Majer Kucinski, que é o personagem K., em uma busca de A.. Realidade e ficção se fundem no romance, expondo as incertezas, as dores e a violência dos anos de chumbo no Brasil. “Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu” (Kucinski, 2014, p. 8) – avisa, logo no começo, o próprio autor.

Tem sido recorrente na produção literária contemporânea um tipo de romance que trabalha com material autobiográfico, porém em nada semelhante a livros que se pretendem terapêuticos ou de autoajuda. Segundo Karl Eric Schollhammer (2009, p.

105), é “uma ficção que se apropria da experiência de vida, uma escrita que utiliza a ficção para penetrar no que aconteceu numa história que se constrói enquanto relato motivado pelo desafio de vida que essa experiência impõe”.

No caso de *K.* – *Relato de uma busca*, a narrativa não se limita a reproduzir memórias, tampouco é linear. Os capítulos se assemelham a breves contos, alternando vários pontos de vista relacionados à história central, que é a procura do pai pela filha desaparecida. Cada fragmento produz um “choque do real” à medida que intensifica o “efeito de espanto catártico no leitor” (Jaguaribe, 2007, p. 100).

O capítulo que abre o livro, “As cartas à destinatária existente”, contém os sofridos pensamentos de um pai que teve sua filha “sequestrada, torturada e assassinada pela ditadura militar” (Kucinski, 2014, p. 12), que é a mesma experiência de *K.*. Cada carta endereçada à jovem reabre a ferida desse homem, que é também a ferida de todos os que perderam seus entes queridos durante a ditadura:

É como se as cartas tivessem a intenção oculta de impedir que sua memória na nossa memória descansa; como se além de nos haverem negado a terapia do luto, pela supressão do seu corpo morto, o carteiro fosse um Dybbuk, sua alma em desassossego, a nos apontar culpas e omissões. Como se além da morte desnecessária quisessem estragar a vida necessária, esta que não cessa e que nos demandam nossos filhos e netos (KUCINSKI, 2014, p. 10).

No capítulo seguinte, “Sorvedouro de pessoas”, acompanhamos os primeiros instantes de *K.* em sua angústia pelo sumiço de *A.*, “que logo o tomaria por completo” (Kucinski, 2014, p. 13). Cada dia importa muito na fase inicial da tragédia – onze, vinte, vinte e cinco, trinta dias se passam. Mais pessoas somem sem deixar vestígios, o que só faz crescer em *K.* e nos parentes dos outros desaparecidos a agonia de não saberem o que havia se passado, embora no fundo já esperassem pelo pior.

Daí em diante, os capítulos desvelam trajetórias, pensamentos e ocorrências chocantes de personagens díspares, como informantes, torturadores e tipos que povoaram os bastidores da ditadura: a amante de um torturador, a faxineira que limpava a casa onde prisioneiros políticos sofriam torturas, os ex-colegas da professora desaparecida, dentre tantos outros. É justamente nesse emaranhado de histórias, de conteúdo autobiográfico e ficcional, que conhecemos um universo de muitas vítimas e poucos inocentes, com um final sem respostas e sem esperanças.

Também em *O irmão alemão* a ficção se apropria da realidade. O pai de Chico Buarque, Sergio Buarque de Holanda, teve um filho que não chegou a conhecer, fruto de um caso amoroso com Anne Ernst, nos dois anos em que estivera na Alemanha como

correspondente de um dos jornais de Assis Chateaubriand, entre 1929 e 1930. O jornalista Fernando de Barros e Silva conta como Chico descobriu a história somente aos 22 anos:

Foi Manuel Bandeira, amigo de seu pai, quem lhe deu a notícia — mesmo assim, meio por acaso —, ao mencionar de passagem “aquele filho alemão do seu pai”, durante uma visita que o compositor lhe fazia junto com Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Isso ocorreu em 1967 (SILVA, 2015).

A busca por esse irmão desconhecido é utilizada pelo autor como escopo do romance. Contada em primeira pessoa, a narrativa subjetiva, com períodos longos e descritivos, reforça que não se trata de um relato fidedigno. Os nomes são diferentes, como, por exemplo, na mudança sutil do sobrenome do pai de Buarque: de Holanda para Hollander. O modo como o romance trata da descoberta do irmão alemão também difere do que, de fato, ocorreu.

Nas primeiras páginas do livro, Ciccio – assim a mãe chama o narrador-protagonista – encontra uma carta escondida em um livro, *O Ramo de Ouro*, um bilhete escrito em alemão de uma mulher chamada Anne para seu pai Sergio. O teor da carta só é revelado mais tarde, na tradução feita por seu amigo de infância Udo. Mas aquele texto “batido à máquina em papel almaço amarelado e puído” nutre a imaginação e reativa as lembranças do narrador-personagem:

acho até que há tempos ouvi em casa mencionarem um filho seu na Alemanha. Não foi discussão de pai e mãe, que uma criança não esquece, foi como um sussurro atrás da parede, uma rápida troca de palavras que eu mal poderia ter escutado, ou posso ter escutado mal. (BUARQUE, 2014, p. 9-10).

A partir daí, vamos conhecendo a vida de Ciccio, suas disputas pessoais com seu irmão Mimmo, mais velho e brasileiro, em relação ao qual se sentia inferior e preterido dentro de casa. Conhecemos também suas amizades e casos amorosos, especialmente a afeição por Maria Helena, talvez sua primeira e inesquecível paixão: “Por um nada a Maria Helena se magoava comigo, no minuto seguinte planejava casamento e filhos, e logo adiante emendava gargalhadas com surtos de cólera, quer dizer, era louca na medida para se apaixonar por mim” (Buarque, 2014, p. 40). Só que nem ela consegue escapar dos encantos de seu irmão, o que aumenta ainda mais a rivalidade entre eles.

Nunca se aparta do protagonista a certeza da existência de um irmão alemão, algo que constantemente lhe atravessa pensamentos e ações. A lembrança da carta, que confirma o parente estrangeiro, sempre reaparece na narrativa. Além disso, fluxos de pensamento invadem a história, como no relato do encontro com seus amigos Udo e Thelonious em um restaurante, onde fantasia “seu irmão” nos rostos ali presentes:

Será um homem de seus trinta anos, provavelmente de óculos, loiro, queixo proeminente, rosto muito comprido, cocuruto alto. Por enquanto o único a preencher parte desses requisitos é o trombonista da orquestra, um branquelo ruivo e bochechudo como seria meu pai antes de envelhecer (BUARQUE, 2014, p. 25).

Nem mesmo a repressão e os traumas da ditadura no Brasil fazem o protagonista diminuir o anseio de saber a verdade sobre aquele irmão distante, ainda que testemunhar a morte brutal de um homem no centro da cidade, fuzilado por militares, tenha deixado marcas profundas: “Minhas pernas fletidas no chão parecem não ter ossos, (...) meu corpo inteiro está insensível do pescoço para baixo, como se eu tivesse levado um tiro na espinha” (Buarque, 2014, p. 100).

Pouco a pouco, personagens que circundam sua vida começam a sumir, tragados pelo regime opressor. Até seu irmão Mimmo desaparece, mas não há empatia por parte de Ciccio, exceto pela possibilidade de solidão: “E eu que nunca morri de amores por aquele irmão, eu que teria trocado por um irmão alemão sem pestanejar, passei a me inquietar com a ameaça de ficar sem irmão nenhum” (Buarque, 2014, p. 160). Até o fim do romance, a procura pelo irmão alemão torna-se a força que move sua vida em um mundo em ruínas – dentro e fora do lar.

### **Vidas desperdiçadas, lares despedaçados**

Não por acaso, *K. – Relato de uma busca* e *O irmão alemão* são histórias de pais contadas pela ótica de seus filhos. Ambos os romances se ancoram na figura paterna ao recordar desgraças íntimas. De modo semelhante às tragédias gregas, cujos heróis não podiam escapar da *hybris*, K. e Sergio são personagens que fugiram do nazismo na Alemanha para morarem no Brasil e aqui restabelecerem suas vidas e famílias, porém encontraram o mal – a opressão da ditadura – que tanto quiseram evitar. Entretanto, diferente do que se pode pensar à primeira vista, não são “heróis em desgraça e falha trágica”, mas “vidas desperdiçadas” (Helena, 2010, p. 15) que habitam lares despedaçados.

O pai em *K. – Relato de uma busca* é um homem dedicado ao iídiche, um idioma também chamado de “judeu-alemão”. Trata-se de uma língua composta por outras línguas, como o hebraico e dialetos do alemão arcaico. Judeus que habitavam na fronteira entre a França e a Alemanha, durante os séculos X e XI, utilizavam essa língua para que pudessem falar entre si sem que os cristãos daquela região os

compreendessem. O iídiche aparece no romance como metáfora do desaparecimento e da difícil comunicação entre K. e A..

Passadas as primeiras duas semanas do sumiço da filha, K. reconhece, em seu nervosismo, que a “devoção ao iídiche” e o “encanto fácil das sessões literárias” (Kucinski, 2014, p. 17) haviam desviado sua atenção de A.. Esse pensamento retorna mais à frente, logo após reclamar da redução da circulação de jornais em “judeu-alemão” na cidade de Nova York:

Como pode uma língua desaparecer tão repentinamente? Os alemães mataram os que liam e Stálin matou os que escreviam, ele repete para si mesmo o que não se cansava de dizer em suas palestras.

Ah, se não pensasse o tempo todo na língua iídiche, na literatura, se tivesse dado mais atenção a filha, a seus filhos... (KUCINSKI, 2014, p. 56).

O desamparo de A. é realçado no capítulo “Carta a uma amiga”, quando ela diz: “Acabou a família e para ele só existe agora o iídiche. Refugia-se no iídiche. Você acredita que eles se reúnem todas as semanas?” A ausência paterna e a consequente revolta da filha pelo descaso de seu pai se resumem em uma frase quase no fim da carta, comum a muitas famílias contemporâneas: “Meu pai não sabe nada da minha vida” (Kucinski, 2014, p. 49-50).

Na verdade, K. só fica sabendo do casamento de A. “com um góí”, ou seja, com um não judeu, anos depois, durante uma reunião dos familiares dos desaparecidos. Mal consegue dimensionar a “vastidão da outra vida, oculta, da filha” e se sente rejeitado por ela ter preferido confiar na outra família. Aqui, mais uma vez, deposita sua culpa por tê-la perdido na “devoção tão intensa à língua iídiche” (Kucinski, 2014, p. 42-45).

Outro corte pela rejeição se observa no tratamento da mãe para com a filha. Isso fica evidente no episódio da compra dos primeiros óculos: “‘Como você ficou feia’, ela disse ao ver a menina de óculos. ‘Agora não tem mais jeito.’” A filha reage “como se não tivesse escutado” (Kucinski, 2014, p. 41). As palavras (mal)ditas da mãe e a resposta silenciosa da filha ressaltam uma relação familiar de diálogos cortados e afetos escassos.

Em outra passagem, K. está revisitando memórias antigas através de fotografias da família. Então, constata que a mãe de A. não tinha feito sequer uma moldura com fotos de sua caçula:

Do filho mais velho, o primogênito, sua mulher havia montado um álbum inteiro, desde quando era bebê até o casamento, depois ele magrela no Kibutz em Eretz Israel, depois as netas. Do filho do meio tinha aquela composição, obrigatória na época, de criança sorrindo em várias posições. Colocaram



numa moldura bonita, mas álbum não. E da filha nada. Nem moldura, nem álbum. A mãe achava a menina feia (KUCINSKI, 2014, p. 118).

Toda essa problemática familiar também é observada em *O irmão alemão*. Na infância, Ciccio pensava viver em uma casa com paredes “feitas de livros”, de tal maneira que “até no banheiro e na cozinha tinha estantes do teto ao chão” (Buarque, 2014, p. 16). Os livros fora do lugar, espalhados e desprezados, eram constantemente recolhidos por sua mãe. Já adulto, o filho passaria a ver seu pai como um intelectual, cujo lar recebia constantemente grandes autores.

Contudo, são raros os momentos de diálogo e afeto nessa família. As poucas conversas se efetuam com a mãe, durante algumas refeições e no entra-e-sai diário dos membros do lar. A narrativa concentra-se a maior parte do tempo nos pensamentos do protagonista – mesmo dentro de casa, sua mente divaga e o projeta para fora daquele ambiente. A imagem que o filho mais novo tem do pai é a de um homem distante, que vive na biblioteca e prioriza suas leituras e prazeres particulares:

Penetro pé ante pé na fumaceira e encontro meu pai de pijama como sempre o recordarei, recostado na espreguiçadeira com os óculos no alto da testa, um livro nas mãos e um toco de Gauloises prestes a queimar seus dedos. Agora ele ajusta os óculos para me enxergar e tosse duas vezes, sempre duas vezes, depois pergunta se andei mexendo nos seus Kafkas (BUARQUE, 2014, p. 57).

Aliás, em alguns momentos do romance, a biblioteca e os livros são uma referência quase inseparável do caráter dos personagens. Num trecho, representam o próprio Sergio. O filho chega de uma noitada, vê de longe as luzes da biblioteca apagadas e diz: “já não há a luz do meu pai quando me aproximo de casa” (Buarque, 2014, p. 31). No capítulo que descreve a garagem e os livros ali dispensados, Ciccio afirma conseguir identificar aqueles que foram lidos por seu pai, a ponto de “não perder tempo com livros que ele nem sequer abriu” (Buarque, 2014, p. 60-61). Até a mãe sabia que seu marido a amava tanto quanto os livros, pois “não a distinguia muito bem da biblioteca” (Buarque, 2014, p. 183).

Um foco de atrito na família é observado no tratamento diferenciado que os filhos recebem do pai, com a ressalva de que acompanhamos a história pelo olhar subjetivo do narrador-protagonista. O mais velho parece ter a preferência, sendo confiado a ele certas responsabilidades e maior simpatia. Até a mãe “gabava-se do rodízio feminino no quarto do Mimmo” (Buarque, 2014, p. 38).

Por sua vez, Ciccio assume o posto de “desfavorecido”. Suas expectativas em relação ao pai sempre são as piores possíveis, configurando um relacionamento de

entraves e silêncios. Era rotina o mais novo se aproximar e o pai silenciar. Entrar no escritório conferia ao jovem “uma sensação semelhante à de invadir o carro alheio” (Buarque, 2014, p. 57). Não havia liberdade para conversa entre ele e o pai, quanto mais para se desvendar o “mistério” do irmão alemão (Buarque, 2014, p. 150).

### **Vidas abreviadas, identidades fragmentadas**

Desamparado e fragilizado no âmbito familiar, sem valores concretos para se apoiar e sem sólidas localizações sociais, pelos constantes deslocamentos culturais de classe, gênero, etnia e religião, o sujeito contemporâneo atua no palco da vida pela conveniência do espaço e da ocasião. Dada a dissolução de qualquer estabilidade, assume neste mundo globalizado uma identidade “aberta, contraditória, inacabada e fragmentada” (Hall, 2005, p. 46). Nas ficções em análise, essa questão é muito presente na forma como os personagens são identificados.

Em *K. – Relato de uma busca*, não conhecemos os nomes completos de K. nem de sua família – apenas “mãe”, “filho mais velho” e “filho do meio”. A filha desaparecida, já sabemos, é chamada apenas de A. e seu marido também não recebe um nome no romance, embora o capítulo “Livros e expropriação” apresente ao leitor suas características e ideologia:

No dia em que os militares saíram às ruas, suspendendo as garantias civis, enquanto o medo e a incerteza invadiam os corações dos ativistas de esquerda, nosso personagem, resoluto, convocou para uma missão especial um de seus confidentes do ideal socialista que tinha carro (KUCINSKI, 2014, p. 53).

Vale destacar que o marido de A. deixa como herança póstuma uma enorme biblioteca de conteúdo socialista. Na primeira página de cada livro consta, “em letras firmes e rápidas, seu nome por extenso e data da expropriação” (Kucinski, 2014, p. 53). Simbolicamente, cada exemplar carrega um pouco de quem esse homem foi antes de ter sua própria vida despossada pelo regime militar.

Em outro episódio, o que detalha a reunião dos professores do Instituto de Química da USP, os colegas de A. decidem demiti-la por “abandono de emprego”. E aqui novamente seu nome não é citado: “Passemos agora ao próximo item da pauta, a proposta de rescisão de contrato da professora” (Kucinski, 2014, p. 156). Com exceção de A., são mencionados os nomes dos participantes da reunião, inclusive supostos pensamentos e sentimentos quanto ao que estavam fazendo ali.

O nome é, certamente, a primeira marca identitária de uma pessoa na vida em sociedade. Nossa identidade está no outro, no modo como somos reconhecidos e lembrados pelo outro. Referir-se a alguém pelo cargo ou função que ocupa – no caso de A., uma professora –, indica uma característica da atual visão de mercado que valoriza mais as pessoas pelo que desempenham em dado contexto do que por quem realmente são.

Nessa perspectiva, os nomes abreviados e os omitidos figuram como representações de vidas desperdiçadas, interrompidas por terríveis circunstâncias exteriores, como a ditadura e seus desdobramentos, e por dolorosas crises interiores, como os dilemas de K. e A. em família. O desaparecimento da filha é também o desmanchar de vários elementos no romance: do elo familiar, pelo tênue contato entre seus membros; dos relacionamentos interpessoais, pela falta de identificação entre seus pares; dos informantes, que trariam alguma esperança quanto ao paradeiro dos que sumiram, não fossem igualmente tragados pelo regime opressor; da língua ídiche e, por extensão, da literatura – a pergunta “Literatura para quê?”, de Antoine Compagnon (2009), pode ser ouvida na voz dos torturadores e assassinos que capturam A. e seu marido e se veem em dificuldades com a cachorrinha Baleia: “O que fazer com a cadela?” (Kucinski, 2014, p. 63).

Identities dúbias e inacabadas também são focalizadas em *O irmão alemão*. Mas em vez de abreviações, personagens recebem dupla identificação, pelo fato de boa parte deles serem chamados por mais de um nome. Foge à regra o momento de devaneio do narrador-protagonista ao imaginar a escrita de um possível romance, no qual participariam aqueles que aparecem na carta encontrada no livro de seu pai – A.E. seria Anne Ernst, e H.B., Heinz Borgart (Buarque, 2014, p. 150-152).

O amigo Thelonious é identificado de diferentes maneiras. Um dia, ele pede para ser chamado simplesmente de Ariosto. Assume essa identidade, a propósito, “depois de romper com o pai e abandonar os estudos numa universidade rural” (Buarque, 2014, p. 55). Pela mãe de Ciccio, recebe uma terceira identificação: “*scontroso*”, isto é, alguém que “tem um caráter pouco sociável” (Buarque, 2014, p. 72).

Acontece o mesmo com outros personagens: a namorada de Mimmo, Beatriz Alessandri, é chamada de Tricita; Minhoca, outro caso amoroso do protagonista, é Carminha; Michelle, mulher que Ciccio desconfia ser a mãe de seu irmão alemão, é identificada como Anne durante várias páginas do romance até tudo se esclarecer. O

próprio irmão alemão, inicialmente reconhecido como Sergio Ernst, por causa da carta encontrada no livro, tem revelado seu nome e identidade verdadeiros no fim do livro: Sergio Günther, adotado por Arthur Günther e Pauline Anna, mas criado com o nome de Horst Günther (Buarque, 2014, p. 227).

Essa multiplicidade de nomes e identidades aponta as dúvidas e a dificuldade de afirmação do próprio protagonista, que é a do sujeito contemporâneo. Os cortes e os silêncios na vida familiar e nos relacionamentos interpessoais só reforçam tal precariedade – e as respostas podem estar mais perto do que se imagina, como no jantar em que a mãe deixa escapar sua insatisfação por Ciccio dar mais atenção “ao outro” irmão do que ao Mimmo. “Que outro?, perguntei de um salto. Que outro, mamma? E ela, nada, pôs-se a catar farelos de pão na toalha de mesa” (Buarque, 2014, p. 186).

O relacionamento hesitante com o pai não denota necessariamente que o filho não guarde sentimentos por ele, ainda que os demonstre de forma contida. Durante uma visita ao filho de Michelle, Christian – e, por um tempo, Ciccio tem por esse jovem a convicção de ser seu irmão alemão –, o narrador-protagonista imagina a morte do pai e o que faria em seguida: “vou querer beijá-lo como nunca me permiti”. Adiante, conclui seus pensamentos: “Aí quem sabe eu desatasse a chorar tudo o que precisava, como por pouco não choro agora na cama do Christian ao lhe traduzir as cartas do meu pai” (Buarque, 2014, p. 171).

Já na viagem para a Alemanha, onde finalmente conseguiria obter as respostas tão desejadas ao longo de toda sua vida, o protagonista dá mostras de saudade, tendo “a divertida sensação de sobrevoar, aos quase setenta anos de idade, os caminhos do meu pai” (Buarque, 2014, p. 206).

### **Considerações finais**

As obras analisadas são indícios de como as relações familiares estão em frangalhos na contemporaneidade, particularmente em função do distanciamento entre pais e filhos. Em maior ou menor nível, representam nossas próprias carências, em dias de forte competitividade e crescente solidão. Tal conjuntura está ligada à teoria da angústia formalizada por Sigmund Freud, que utilizou a palavra *Hilflosigkeit*, “traduzida como incapacidade de se sair bem de uma situação difícil; de se virar; abandono; impotência e estado de desamparo, aquele que está sem ajuda, desarmado” (Macêdo, 2012, p. 100-101).

*K. – Relato de uma busca* e *O irmão alemão* tratam desses dilemas, que são absolutamente atuais, ainda que estejam situados em uma época de grandes embates no Brasil e no mundo. Lidam de perto com o terror da ditadura e, à distância, com o espectro do Holocausto. Retratam na ficção, como afirma Lucia Helena (2010, p. 126), “um desassossego em face da trajetória de personagens que vivenciam o drama de uma existência em meio a pressões de toda ordem numa sociedade conturbada”.

É bastante nítida na produção literária recente a convivência de referências e de tempos em uma mesma obra e, muitas vezes, em um mesmo texto. Segundo Giorgio Agamben (2009, p. 58-59), só pode ser verdadeiramente contemporâneo “aquele que não coincide perfeitamente” com o seu tempo, mas que tem a capacidade de “perceber e apreender o seu tempo” justamente a partir do deslocamento e do anacronismo.

Para enxergar melhor o seu tempo, o escritor contemporâneo re-evoca o passado, deslocando antigas conotações e ampliando significados. Como trabalho de arqueologia, que percebe no mais moderno “os índices e as assinaturas do arcaico” (Agamben, 2009, p. 69), a ação de revisitar o passado funciona como tentativa de retomar aquilo que no presente ainda não é possível captar. Destacam-se, nesse caso, autores como Kucinski e Buarque, que conseguem comunicar para seu próprio tempo através de suas obras, e também através do tempo, escavando as ambivalências e as ambiguidades da vida contemporânea.

Outra vertente dessa ficção se evidencia, nas palavras de Schollhammer (2009, p. 15), “na perspectiva de uma reinvenção do realismo”. Mas não se trata de um resgate da concepção regionalista vigente na década de 1930, tampouco daquele tipo de escrita que claramente se opunha à ditadura militar na década de 1970. O atual realismo visa conciliar

as ambições de ser “referencial”, sem necessariamente ser representativo, e ser, simultaneamente, “engajado”, sem necessariamente subscrever nenhum programa político ou pretender transmitir de forma coercitiva conteúdos ideológicos prévios (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 54).

Existe uma urgência de falar sobre a “realidade” em *K. – Relato de uma busca*, porém a obra não reivindica ser um instrumento de denúncia dos horrores do regime militar no Brasil, ainda que se refira a capítulos obscuros daquele período, afinal, vidas foram suprimidas pela violência e lares foram despedaçados em consequência. Na verdade, o romance se vale da história real e ficcional de K. para lidar com os choques da experiência contemporânea e, assim, “refazer a relação de responsabilidade e

solidariedade com os problemas sociais e culturais” deste tempo (Schollhammer, 2009, p. 15). Como afirma Renato Lessa no posfácio do livro,

a assim chamada realidade é revelada sob a forma de um abismo. É mesmo o caso de indagar: e se o real tiver a forma de um abismo? Ou de uma lápide – desejada por K. – sobre o espaço vazio da ausência irremediável do corpo da filha que ali deveria estar, para que o curso da vida tivesse um mínimo de sentido? (KUCINSKI, 2014, p. 187).

A vertente realista também se inclina a “uma aproximação literária ao mais cotidiano, autobiográfico e banal, o estofo material da vida ordinária em seus detalhes mínimos”. Romances como *O irmão alemão*, apesar de não ignorarem as turbulências do contexto social e histórico no qual estão inseridos, tendem à “graça dos universos íntimos e sensíveis, que apostam na procura da epifania e na pequena história inspirada pelo mais dia, menos dia de cada um” (Schollhammer, 2009, p. 15).

Assentado na antiga espreguiçadeira do pai, e de certa forma assumindo o lugar dele, repetindo quem ele foi, Ciccio repassa mentalmente as lacunas de sua própria vida, aspirando a algum tipo de redenção. Mas sua busca não logra êxito:

estava com a vista cansada e a cabeça distante, não conseguia me concentrar em livro algum. Eu os lia como talvez meu irmão os lesse, como se meus olhos descessem por um vidro transparente até o pé da página, para retornarem vazios de novo e sempre ao mesmo início de parágrafo (BUARQUE, 2014, p. 196).

A experiência ficcional contemporânea tira-nos da passividade e toca nossa sensibilidade. “Ao contemplar personagens construídos no trato com as ruínas, o leitor acaba por munir-se de um olhar alegórico, olhar que se manifesta capaz de desvendar um tesouro de sentido” (Helena, 2010, p. 15).

Nesse sentido, os caminhos percorridos são também os nossos, afinal, estamos envolvidos na mesma busca por reencontrarmos o que um dia perdemos: afetos, diálogos, suporte, compreensão, relacionamentos, identidade. Muitos estão agora a catar farelos de pão sob as mesas de sua existência, impossibilitados de quebrarem o silêncio dos lares despedaçados aos quais pertencem e, por isso mesmo, vivem fragilizados por “perguntas que ficarão para sempre sem respostas” (Kucinski, 2014, p. 43).

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BAUMAN, Z. A ética é possível num mundo de consumidores? Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BORDINI, M. da G. Crises pós-modernas e o fim das utopias: o lugar da literatura. In: HELENA, L. (org.). *Literatura, intelectuais e a crise da cultura*. Rio de Janeiro: Contra Capa; CNPq, 2007, p.51-63.
- BUARQUE, C. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- FREYRE, G. Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.
- GRÜNSPUN, H. Autoridade dos pais e educação da liberdade. São Paulo: Almed, 1985.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- HELENA, L. Ficções do desassossego: fragmentos da solidão contemporânea. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.
- JAGUARIBE, B. *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- KUCINSKI, B. K. – *Relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- MACÊDO, K. B. O desamparo do indivíduo na modernidade. *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. Niterói, v.2, n.1, 2012. Disponível em: [<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/742>]. Acesso em: 26/09/2014.
- OLIVEIRA, M. L. W. de. Revirando casa e mundo: representações literárias do herói e da família. Um estudo do romance português contemporâneo. Niterói: EdUFF, 2011.
- SCHOLLHAMMER, K. E. *Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SILVA, F. de B. e. O irmão brasileiro: a busca de Chico Buarque em Berlim. *Revista 2*. Lisboa, 25/01/2015. Disponível em: [<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/a-busca-de-chico-buarque-em-berlim-1683044>]. Acesso em: 12/08/2015.
- SILVA, K. V. *Dicionário de conceitos históricos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.